

# PSICANÁLISE E HOSPITAL

---

*A criança e sua dor*



*Marisa Decat de Moura*  
(organizadora)

REVINTER

MOURA, Marisa Decat de (ORG). Psicanálise e hospital:  
a criança e sua dor. Revinter: Rio de Janeiro, 1999.

## Prefácio

*Só as crianças têm segredos,*

*Dos quais mais tarde já nem lembram!*

*A dor talvez é um deles.*

*Ficamos aturdidos diante da criança. Considerada inocente, diz ela a verdade. A verdade sai pela boca das crianças, diz o adágio.*

*Até a Idade Média, o filho do homem em tenra e baixa idade era simplesmente um homem em tamanho pequeno. Depois veio a infância! Ou seja, o período em que o interessado não fala! In-fans, quer dizer não-fala! Por isso, falamos da criança: os pais falam das crianças, os educadores são solicitados a fazer palestras sobre a infância, os psicólogos intervêm, fazendo reeducação. "Ça parle de lui", dizem os franceses.*

*Uma das perguntas sobre a criança vem a ser a questão do trauma (a dor de existir?), definido, por vezes, como resultado de sedução ou violência, por parte do adulto. Já não sabemos mais, nem temos condições de pesquisar até que ponto a criança consente. Já nem podemos imaginar que o trauma é a marca do que ela tanto temia, a revelação de algo já sabido, a saber, a dor de existir. O "segredo" da criança faz frente ao adulto que indaga.*

*Ou jogamos o jogo da criança ou nada acontecerá, pois ela não tem nenhuma razão para escutar nossas perguntas enfadonhas. Para os adultos parece bastante definir a criança como aquele que não trabalha, não deve trabalhar; deve ir à escola, já que seu saber de nada vale.*

*Quero dizer que vejo duas definições para o inconsciente, ambas aceitáveis, porém são duas. Primeira: o inconsciente estaria ligado às palavras, palavras que envolvem o nascimento de uma criança, seu nome, sua fala.*

*Segunda: o inconsciente seria uma invenção, uma descoberta, mas prefiro dizer invenção que fazem certos seres diante da própria dor de existir. Não há palavras para nomear a dor de existir.*

*Freud, certa vez, relatou o sonho de um pai cujo filho falecido era velado,*

*em volta as velas, num cômodo ao lado do quarto onde ele se retirara. A noite envolvia o corpo do filho, as velas riscavam a noite e o corpo. Havia um bom tempo que já era tarde. O pai adormecido, vira em sonho o filho que lhe dizia: pai não vêes que estou queimando?*

*De que se queixava o filho? De não ter sido cuidado, amado o bastante? Já não carecia esse tipo de queixa.*

*Prolongaria o pai seu sono ao pensar que o filho não havia morrido? Cuidados do pai teriam a morte evitado? De que se acusava o sonhador, pai? De nada, tudo já havia acontecido.*

*Vamos ao que interessa:*

*"Como se o pai não soubesse, de acordo com seu desejo, que o filho estava morto", diz Freud ("selon son voeu", diz a tradução em francês).*

*Como se o filho tivesse assumido pelo pai ("de acordo com...") a dor de existir, uma vez o filho morto. O sintagma "de acordo com..." aponta para o inconsciente. Diria que o termo "de acordo com..." (selon, em francês) já é bastante para marcar a entrada em jogo de um outro tipo de produção. Quanto ao que se passa entre pai e filho, nada nos autoriza a ver em "de acordo... com" outra coisa que a dor de existir.*

*Após a leitura atenta dos capítulos que compõem este livro cujo prefácio escrevo, continuo a pensar na criança, agora já marcadamente sob o impacto de imagens provenientes dessa leitura. São psicólogas as autoras, mulheres que escrevem. A escrita das mulheres foi um acontecimento notável nos últimos. Não que não as houvesse escritoras, elas sempre existiram e de grande porte.*

*Mas, agora em nosso tempo, os temas da psicologia, da psicanálise, para citar as duas disciplinas que nos reúnem na mesma profissão, conhecem tratamento original, marcado pela presença atuante de mulheres nos afazeres da profissão. Atendimento em consultório, trabalho em instituições, no hospital, para citar o caso presente.*

*Ao cabo de algum tempo, a experiência acumulada solicita uma nova tarefa, desta vez a escrita, dada ao público em forma de livro.*

*Se me fosse permitido, quero reconhecer não só a competência profissional, mas o trato delicado com a matéria. A maneira de encarar as mais duras situações da vida e da morte, já que atestadas no hospital, no*

CTI.

*Quero também participar do trabalho que é aqui apresentado; trago alguns parágrafos sobre a matéria.*

*O corpo*

*Malgrado a materialidade inevitável, a singularidade do corpo faz dele algo intocável. O chamado “campo operatório” recupera e institucionaliza o corpo graças a um certo número de enunciados. (A cena mostrada na iconografia da época inclui o professor empoleirado na sua cátedra ao ditar orientação para o cirurgião logo abaixo debruçado sobre o corpo do paciente). O corpo só é admitido explicitamente graças ao que está prescrito pelos enunciados, pelos livros da medicina (Veja-se “O anatomista”, best-seller entre nós recentemente). Os corpos estão submetidos aos enunciados. Ele se mostra e é mostrado sob o efeito de um viés proveniente dos enunciados. Trata-se de um corpo legal, corpo atribuído.*

*O corpo pode se apresentar explicitamente, como objeto de conhecimento, inconscientemente assumido ou não, e ser lugar para a produção de morte, pois que a subjetividade obscura fecha o espaço, desconhecendo a verdade do acontecimento da doença.*

*Por outro lado, o corpo próprio da subjetividade é animado por certa mobilidade; o espaço subjetivo é experimentação a partir do acontecimento (doença, dor, eventual cirurgia, no caso do paciente hospitalizado). O pós-operatório revela curiosas situações em torno do desconhecimento do que aconteceu exatamente durante a cirurgia. O membro fantasma é caso extremo, porém ilustra bem o que temos em mente. Numerosas cirurgias cujo campo operatório está situado na região genital são fonte de impotência, nem sempre justificadas pela medicina. A intervenção explícita da enfermeira pode ser inadequada. Nem tampouco o corpo pode ser considerado como fictício como no caso da histérica.*

*A dor*

*A dor física é um ponto de interrogação para a medicina e para a psicologia. Sua realidade será sempre inseparável dos efeitos subjetivos que ela produz.*



*é explícito será encontrado na “subjetividade obscura”, terceiro tipo nessa série.*

*Antes de falar na “subjetividade obscura”, vou dar um exemplo por onde tudo vai ficar claro.*

*Há nudez do corpo subjetivo quando não estando adstrito a se mostrar sob a lei, ele é, se mostra tal como é. Não um corpo substancial enfim visível, mas em estado de se mostrar sem estar sob a lei. É bem este o caso quando se trata da nudez amorosa, da desnudação como ocasião do amor sexuado. Enfim, o corpo inexplicito, mas nu de maneira essencial. A nudez não pode ser obscura, nem o toque ou aproximação do corpo do paciente; em caso contrário ambos são assimiláveis à pornografia.*

### *3. Subjetividade obscura.*

*Neste caso, há ocultação, e não produção, nem mesmo reprodução. Há produção de morte.*

<i>Corpo &gt;&gt;&gt;&gt;&gt;&gt; História de vida &gt;&gt;&gt;&gt;&gt;&gt; Corpo prescrito pela Lei</i>
<i>(Dor, Doença)</i>

*Há um fechamento sobre o corpo, da História de Vida sobre o corpo; este só é admitido, aceitável como corpo prescrito pela lei, pela ciência, pela religião, pela neurose (ver casos de anorexia, bulimia, regime exagerado de emagrecimento).*

*Aqui, em se tratando dessa subjetividade, temos um caso de corpo explícito, acima da barra. O corpo deve se mostrar, mas sempre prescrito pela letra, corpo submetido à letra, constrangido pela lei. Se ele se mostra, terá que se mostrar sob esse constrangimento. O sujeito obscuro não cria tempo, ele não é criação, mas, sacrifício do presente no presente, criação de morte. Mesmo o sujeito reativo é criador de tempo, tempo passado no presente.*

*O corpo sob a lei vem a ser verdadeiro emblema do sujeito obscuro. Exemplo a ser examinado: a roupa que encobre o que não deve ser mostrado. Toda roupa supõe um sujeito obscuro.*

*Produção, Reprodução, Ocultação – são operações do sujeito. A intervenção da Psicanálise no Hospital (CTI, por exemplo) buscaria levar o paciente a um nível de subjetividade produtiva, para qual o corpo é*

*inexplícito.*

### *A violência*

*Já não admitimos a violência quando esta vem perturbar nosso sossego de habitantes da grande cidade; ora, no sistema social vigente encontramos situações onde vão se desenvolver gestos de violência. Eventualmente esses são levados ao hospital. Curiosamente, já não temos nenhuma tolerância para com os distúrbios, para com o aparato do sagrado e o sacrifício cruento, o excesso; o sistema vigente, garantidor do bem-estar, nos promete o equilíbrio das contas do governo, o planejamento a médio prazo, o aumento da esperança de vida.*

*Sabemos nós que a morte, a doença, estão entre nós, como sinal talvez invertido do que somos; imagem, retrata ela bem o de que somos capazes. O doente, para nós, já não pode ser visto, tal como fizeram os antigos, como um caso predestinado (os reis taumaturgos se deixavam tocar e tocavam os doentes, curando assim os seus súditos), pois somos contemporâneos do discurso da ciência, a mais eficiente de que se tem notícia nos anais dos séculos.*

*Ao lidar com alguém inapto à subjetivação, teríamos que sustentar até o último instante, em condições marcadas pela doença, a possibilidade de que algo aconteça; um ínfimo movimento sendo o bastante, pois ele pode fazer surgir o sujeito, raro, pontual, capaz de denunciar tentativas de referência única a um grande Outro tirânico, e unificador, a uma promessa imaginária.*

*Os capítulos do livro cujo prefácio você está lendo, falam de: “a criança – do mito à estruturas”, “a criança e as estruturas clínicas”, “um amor tecido pela duplicidade”, “uma verdade com estrutura de ficção”, “a dor da infância”, “há uma Psicanálise do corpo?”, “o luto na criança”, “a criança se cala”, “na identificação como a doença crônica, a insistência do sujeito”, “da dor de existir ao prazer de viver”, “na corda bamba da morte... ou da vida?”, “laços: o jogo da ciranda narcísica – pais e filhos”, “olhar como gesto...”, “o mal – estar da culpa”, “a criança e sua dor: do L da cruz ao V da vida”.*

*Acompanhei alguns desses textos enquanto eram escritos; sei o que eles custaram, o que eles evocam. Senti-me acompanhado por cada um deles enquanto escrevia a minha parte. Espero que minha contribuição seja reconhecida como a parte que me coube.*

*Célio Garcia*